

TECENDO DIÁLOGOS, RESSIGNIFICANDO SABERES: O TORNAR-SE PROFESSOR (A)

**Neide Cavalcante Guedes¹
Base de Pesquisa FORMAR/UFPI**

A possibilidade de protagonizar a própria vida pressupõe, dentre outras coisas, penetrar em si próprio, para distanciar-se de si, desconstruir e reconstruir suas experiências e teorizar sobre elas. É, portanto, esse movimento que constitui, na expressão de Cunha (1998, p. 40), “um processo profundamente emancipado em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando sua trajetória”.

Partindo dessa perspectiva, e de acordo com Souza (2005, p.53), é possível enfatizar que:

A escrita da narrativa remete o sujeito para uma dimensão de auto-escuta de si mesmo, como se tivesse contado para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida por meio do conhecimento de si.

Portanto, narrar é um processo formativo, porque permite ao narrador organizar suas experiências. À medida que o professor organiza suas idéias para relatar, sejam orais sejam escritas, ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva, e, com isso, termina fazendo uma auto-análise que lhe poderá oferecer novas bases de compreensão da sua própria prática.

No entanto, é importante destacar, nesse contexto, que não é suficiente, apenas, dar voz ao professor; é preciso que este seja capaz de refletir sobre o seu processo de formação, para assim criar bases sólidas no sentido de melhor compreender a sua prática.

A reflexão que se segue teve como parâmetro uma investigação mais ampla relativa ao estudo dos conceitos fundamentais à atividade docente realizada com um grupo de 06 (seis) professores formadores do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Neste estudo, entendemos que esses relatos precisavam constituir-se em espaços coletivos de socialização e de confronto, para que se pudesse pensar reflexivamente, compartilhando das diferentes trajetórias vividas por nossos colaboradores.

Com base nesse entendimento, foi sugerido que cada professor escrevesse sua história, em forma de diário. Nossa intenção foi a de resgatar, nesta escrita, elementos presentes desde o processo inicial de formação até o desenvolvimento de suas atividades práticas como docente.

Quando solicitamos aos professores que se debruçassem sobre o seu passado, na tentativa de recuperar suas histórias, seja nas relações com a escola, com os conhecimentos, com os professores, seja consigo próprios, buscamos chamar a atenção para o fato de que, quando o nosso objeto de pesquisa é a formação do outro, todas essas dimensões de nossa história pessoal ganham destaque. É nessa perspectiva que acreditamos que as próprias práticas profissionais desses indivíduos, enquanto docentes, estão relacionadas aos processos formativos a que se submeteram, ao longo de sua trajetória de formação.

Falar dos modelos formativos pressupõe a possibilidade de evidenciar o que diferencia um professor de outro nesse contexto de formação, considerando as especificidades, peculiares aos modelos aqui abordados, uma vez que são as perspectivas teóricas, nas quais os pesquisadores fundamentam a sua prática, que irão oferecer os elementos essenciais para promover essa identificação.

Os modelos apresentados na perspectiva de Contreras (2002, p. 90) se delineiam a partir das três tendências básicas, quais sejam: o profissional técnico, o profissional reflexivo e o profissional crítico, considerando que são essas concepções que nos auxiliam a melhor compreender o que seja a atividade de ensinar, bem como o significado que a autonomia docente assume nesse contexto. Para esse autor, a idéia central na qual se apóia o modelo da racionalidade técnica é a de que “ [...] A prática profissional consiste na solução instrumental de problemas mediante a aplicação de um conhecimento teórico e técnico previamente disponível que procede da pesquisa científica”.

Assim, a prática educacional se efetiva na aplicação do conhecimento científico, e as questões educacionais são discutidas na perspectiva de que podem ser solucionadas de maneira objetiva, a partir de procedimentos previamente estabelecidos.

A explicação de Ramalho, Núñez e Gauthier (2003, p. 39) vem reforçar nossas colocações, ao enfatizarem que, “[...] na formação baseada no racionalismo técnico, o professor está limitado de interagir com outros profissionais, pois é pensado como um consumidor de conhecimentos científicos produzidos por outros”.

Esse comportamento faz com que o professor não busque investigar, no sentido de aprofundar essa relação de trabalho, tornando-o cada vez mais dependente do conhecimento produzido por outras pessoas.

Partindo dessa premissa, Contreras (2002, p. 102) nos oferece uma definição clara desse profissional, ao enfatizar que o docente técnico é aquele:

[...] que assume a função da aplicação dos métodos e da conquista dos objetivos, e sua profissionalidade se identifica com a eficácia e eficiência nesta aplicação e conquista. Não faz parte do seu exercício profissional o questionamento das pretensões do ensino, mas tão-somente seu cumprimento de forma eficaz.

O segundo modelo de formação tem como elemento fundamental a prática reflexiva, e se constrói com base em processos reflexivos, capazes de superar as práticas fossilizadas, e assim avançar na investigação, que será desencadeada a partir dessa prática.

Schon (1992), em seus estudos, defende o processo de reflexão, no qual a ação possa ser analisada com base na situação em que o professor se encontra, possibilitando-o a conduzi-la da forma mais adequada. Nesse sentido, torna-se necessário partir de como normalmente essas atividades ocorrem em seu cotidiano, fazendo a distinção entre “conhecimento na ação” e “reflexão na ação”.

A maneira mais adequada para formar o professor, no sentido de que ele possa atuar eficientemente nas situações imprevisíveis, é oferecer elementos para que possa torná-lo capaz de refletir sobre as situações problemáticas presentes no seu dia-a-dia, fazendo-o avaliar sua ação e o seu resultado, para que assim ele disponha de elementos capazes de reconstruir e reorganizar a sua prática.

Diferentemente do modelo anterior, no qual a atividade do professor se efetiva de maneira externa, o profissional reflexivo compreende que faz parte do contexto e deve se utilizar dessa compreensão para melhor entender como se manifesta a sua contribuição.

O profissional que tem clareza da sua atividade não pode restringi-la ao cumprimento de metas pré-estabelecidas alheias à sua prática, mas deve estar aberto para ressignificar o limite dessa atividade a partir da análise que faz de suas próprias ações.

O terceiro modelo de formação, o intelectual crítico, faz uma aproximação dos modelos já destacados, considerando que a teoria e a prática devem estar atreladas, pois o interesse evidenciado pela reflexão se manifesta na possibilidade de aproximar e analisar questões específicas da realidade que se manifesta em contextos mais amplos. Esse modelo, conforme Contreras (2002, p. 185), sugere que:

[...] tanto a compreensão dos fatores sociais e institucionais que condicionam a prática educativa como a emancipação das formas de dominação que afetam nosso pensamento e nossa ação não são processos espontâneos que se produzem naturalmente pelo mero fato de participarem de experiências que se pretendem educativas.

Isso mostra, de maneira evidente, que o intelectual crítico se preocupa em potencializar uma prática profissional que garanta o desenvolvimento de ações educativas, buscando, dessa forma, a transformação dos aspectos inerentes ou não a essas ações. Isso leva a crer que esse profissional busca refletir para transformar o ensino em uma atividade mais justa e democrática, com vistas à democratização da sociedade como um todo.

Refletir criticamente seria a garantia do professor, no sentido de avançar na busca de transformações da sua prática, a partir de sua própria transformação como intelectual crítico, sendo necessária, portanto, a tomada de consciência dos valores e ideologias implícitas na sua atividade, para então buscar desenvolver uma ação transformadora.

Com base nos modelos descritos, e a partir dos relatos dos pesquisadores, foi possível identificar alguns elementos constitutivos das marcas deixadas por essas experiências iniciais, como também das demais que delas se originaram.

A origem socioeconômica é apontada, nos relatos aqui apresentados, como um ponto fundamental que motivou nossos parceiros na busca da escolaridade. Conforme suas falas, esses professores expressam de forma bastante evidente o contexto no qual nasceram e foram criados, bem como a importância no poder de decisão dos pais sobre os filhos.

Escrever minhas experiências acadêmicas e profissional neste momento significa para mim fazer uma leitura da minha história de vida. Filha de professora fui incentivada por minha mãe para seguir sua profissão primeiro porque desde criança nas brincadeiras eu gostava de desempenhar o papel de professora, segundo por ser filha de família pobre precisava começar a trabalhar cedo e terceiro pelo orgulho que ela tinha de ser professora pois desempenhava sua profissão com muita dedicação, competência e zelo. Fez questão de alfabetizar seus 10 filhos e abdicou do direito de aposentar-se com 25 anos de magistério. Então naquela época minha mãe já tinha quebrado esse paradigma de casa de ferreiro espeto de pau ela achava que ela como professora é quem deveria alfabetizar os filhos dela ninguém melhor do que ela para alfabetizar os filhos. Fiz o curso pedagógico, influenciada por ela no Colégio Estadual Osvaldo da Costa e Silva na cidade de Floriano, Estado do Piauí e iniciei a minha atividade de magistério na escola em que eu fiz o curso primário e um ano depois vim para Teresina e fui trabalhar numa escola da rede estadual. (extraído do diário autobiográfico escrito por Andorinha).

Eu já estava com sete anos quando eu fui levada para estudar em Parnaíba-Pi. Ainda hoje eu lembro o apito da lancha que soava ao partir e enchia o meu coração de menina, de medo, saudade e dor. Meu pai era um homem rude, um homem do campo não sabia ler nem escrever, sabia apenas assinar seu nome, mesmo assim meu pai na sua ignorância acreditava na educação. Foi justamente por isso por acreditar na educação que ele nos mandou tão cedo, tão criança para uma outra cidade e lá podermos estudar. Eu sou de Tutóia no Maranhão e nós já estávamos nessa idade mais ou menos eu tinha sete anos e minha irmã mais velha tinha oito e o papai achava que nós precisávamos estudar, ele dizia que não queria... ele costumava dizer nas suas histórias no dia-a-dia que não queria filhos ignorantes, meu pai não sabia que ele não era um homem ignorante ele era um homem sábio. (extraído do diário autobiográfico escrito por Santos).

Pertenço a uma família de condição socioeconômica baixa do pequeno município de Regeneração, estado do Piauí. Cresci como aluno dedicado de escola pública, tendo inculcido a idéia de que o estudo é o meio pelo qual as pessoas pobres podem se tornar alguém na vida. [...] Então, filho de mãe costureira e pai músico, convivi com o fluxo contínuo de pessoas adultas em minha casa e com uma ambiência de musicalidade que instigaram-me dons artísticos e de comunicação. Em 1989, meu ingresso no curso normal não foi uma escolha pessoal, mas o resultado da falta de opção local. (extraído do diário autobiográfico escrito por Júlio).

No âmbito escolar meus pais fizeram muitos sacrifícios para garantir o estudo para todos. Minha formação se deu e continua se dando em diferentes instancias, na Universidade, nos núcleos de estudo, nos cursos de especialização e em minha casa na convivência com minha mãe e minha irmã. Esta experiência familiar é marcante e está presente na professora que eu sou. [...] Eu acredito muito na intuição das mães elas sempre vêem mais do que a gente pensa [...] eu acho assim os conselhos que elas dão é sempre para o bem e quando a gente...eu acho que ela sabia no fundo ela sabia onde eu ia chegar onde eu cheguei onde eu estou buscando

mais. Não sei se foi intuição se foi experiência se era a necessidade dela, algo que anunciava ela viu alguém além do que ela foi, não sei só sei que ela acertou. (extraído do diário autobiográfico escrito por Lena).

Tal como se pode perceber nas transcrições supramencionadas, a idéia é que o estudo será sempre encarado como a possibilidade de ascensão para aqueles que, em uma sociedade dilacerada pelas desigualdades, tiveram suas origens calcadas nos grupos sociais de baixo poder econômico.

Nesse sentido, podemos citar alguns estudos, como, por exemplo, os de Catani (1998), Sousa (2005) e Bozzeto (2000), que confirmam nossas constatações no que se refere à importância atribuída aos estudos como possibilidade de desenvolvimento, principalmente, no campo profissional.

Historicamente, a categoria docente tem sofrido seja com o desprestígio social da profissão, seja por sua descaracterização, ou até mesmo pelas dificuldades evidenciadas no próprio processo de ensino. Há que se entender, nesse contexto, que o professor, em sua trajetória, encontra inúmeros elementos que o impedem de promover essa construção que é social e pessoal. Refletir com o professor sobre sua prática será a oportunidade de efetivar uma análise da construção/desconstrução/reconstrução do seu próprio processo de profissionalização.

Partindo dessas colocações, e com base no que foi solicitado ao grupo, destacamos alguns “trechos” dos diários produzidos pelos partícipes, procurando mostrar elementos ocultos nesse mundo pessoal, que retratam, na maioria das vezes, o comportamento do professor no desenvolvimento de sua ação. Vejamos como eles se revelam nesse processo de escritura, considerando, principalmente, o modelo de formação por eles vivenciados.

Foi assim que tudo começou... Nas rodas da adolescência eu já fazia os primeiros ensaios para ser professora...Juntava as amigas e, mesmo nas férias tentava dividir o que tinha aprendido, principalmente quando se tratava dos conteúdos de matemática. Era uma atividade prazerosa porque eu gostava muito de poder ajudar minhas amigas a superar suas dificuldades e também de vê-las felizes por conseguir, por meio de minhas explicações, aprender o que não tinham conseguido com o nosso professor. O tempo passou...Ingressei na Universidade para cursar Ciências Econômicas, mas permaneci fazendo rodas de estudo e ensaiando os primeiros passos para se professora. Mesmo diante desse contexto comecei a

perceber que faltava algo mais sistematizado no meu fazer que apenas os conhecimentos específicos pareciam não ser suficiente para o desenvolvimento do trabalho de um professor, foi assim que ingressei no curso Logus II para poder me preparar formalmente para ser professora. [...] já formada em Economia continuei buscando a qualificação para exercer o magistério fazendo primeiramente vestibular para o curso de Pedagogia-Magistério. Ainda como aluna desse curso surgiu o concurso para professor efetivo da UFPI oportunidade que me fez fazer um investimento enorme, pois essa era uma meta que havia projetado para a minha vida e não poderia perder a oportunidade de vê-la concretizada. Os momentos vividos como aluna do curso de Pedagogia da UFPI em Parnaíba foram de grande relevância para o meu desenvolvimento profissional, para a construção da minha profissionalidade. (extraído do diário autobiográfico escrito por Anavi).

Ao concluir o curso de Pedagogia em 1985 fui trabalhar no Instituto Antonino Freire escola de formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental ministrando aulas de Didática e prática de Ensino. Embora tenha sido uma experiência impregnada pelos fundamentos do tecnicismo, pois o currículo da escola assim sistematizava suas atividades, isso me levou a questionar o papel do educador, as metodologias e o sistema de avaliação tecnicamente montado com base em comportamentos observáveis, regras de observação de testes. Assim procurei dar continuidade a minha formação, pois com a formação recebida no Curso de pedagogia e as leituras que eu vinha fazendo não eram suficientes para dar respostas para as minhas indagações e desafios, apesar de que o conhecimento e respeito pelas diferenças individuais não tinha o conhecimento suficiente para compreender e encaminhar minha prática de forma a trabalhar como mediadora na construção do conhecimento.[...] Foi na Universidade a partir das leituras e discussões em especial das obras de Paulo Freire “Pedagogia do Oprimido”, Demerval Saviani “Escola e Democracia”, Guiomar Namó de Melo “Magistério de 1º grau. Da competência técnica ao compromisso político”, Libâneo “Democratização da Escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos” que me abriu novas perspectivas. As idéias desses autores [...] redimensionaram o meu trabalho despertando a consciência e novas expectativas sobre o ato de ensinar e aprender. (extraído do diário autobiográfico escrito por Andorinha).

Eu entrei no curso de pedagogia em 1980 e concluí em 1983. era um modelo totalmente voltado para o tecnicismo onde as práticas de formação não era permitido assim como hoje está sendo feito que o aluno pudesse está problematizando os conteúdos. Os professores hoje trabalham numa perspectiva de problematização de análise crítica dos conteúdos. Nesse modelo formativo o professor colocava, ele falava do conteúdo, mas o aluno não tinha oportunidade de está analisando aquele conteúdo a luz das teorias. O aluno só absorvia os conteúdos. É tanto que quando eu terminei o curso de orientação educacional que fui exercer a profissão eu descobri que a formação que eu recebi não me dava a condição para modificar a situação dos alunos que me procuravam. Eu não tinha conhecimento teórico e prático suficientes que me dessem condições de interferir naquela realidade dos alunos e foi por isso que eu saí para fazer o curso de especialização em orientação educacional na PUC de BH. E essa ansiedade que eu tive durante todo esse percurso profissional foi que me deu, me impulsionou a sempre está buscando uma formação melhor para modificar a pratica pedagógica que vinha exercendo. (extraído do diário autobiográfico escrito por Dina).

Nesses relatos é possível perceber que cada um desses partícipes, com base no modelo de formação vivenciado, destaca, de maneira evidente, a necessidade de entender a complexidade do espaço concreto em que estavam inseridos.

Foi em 81 minha avó matriculou-me na escola normal de Parnaíba-PI onde eu cursei todo o curso Pedagógico. Engraçado é que eu estava fazendo o curso Pedagógico, mas eu não sabia que ia ser professora aí um certo dia eu já esta lá... assim mais ou menos com uns dois meses aí um certo dia eu descobri que estava sendo preparada para ser professora aí eu tomei um choque. Lembro-me perfeitamente que após o primeiro dia de trabalho na volta pra casa eu chorei sozinha, a vida tinha me feito professora. Eu não queria ser professora. Fiquei angustiada porque depois eu descobri que o curso pedagógico havia me ensinado muitos conceitos, mas ele não havia me ensinado o que é que eu devia fazer quando o aluno brigava, quando o aluno gritava, quando o aluno batia no outro, quando o aluno desrespeitava a professora. [...] aí eu descobri que o curso pedagógico não tinha me preparado realmente para essas coisa, eu tinha o conhecimento, tinha a habilidade, tinha uma sala bonitinha, mas eu estava em conflito [...] eu não sabia o que fazer com aquelas crianças. (extraído do diário autobiográfico escrito por Santos).

A fala de Santos, destacando um forte descompasso entre a formação inicial e a realidade no campo de trabalho como profissional, manifestou-se quando descobriu, na prática, o lado duro e real do ensino, que no seu processo formativo, nunca tinha sido questionado. Tendo que buscar respostas para situações imprevisíveis, que vão surgindo em seu cotidiano, os professores acabam descobrindo formas diferenciadas para lidar com essas situações.

Constatação semelhante obteve Borges (2002), em estudo realizado sobre os saberes profissionais dos professores de 5^a a 8^a série da educação básica, em que uma professora da área de Educação Física relata uma situação dicotômica entre a formação inicial recebida e a realidade encontrada no mercado de trabalho.

Desta forma, ao proceder à análise do conteúdo dessas narrativas, consideramos que os relatos autobiográficos são portadores de sentidos que cada um atribui às suas experiências de vida; daí podermos afirmar que esses são reveladores dos valores e representações que se foram formando sobre o magistério, no decorrer do processo de formação de cada partícipe.

1.1- O Processo Formativo

Quando fazemos referência à formação, seja inicial seja continuada, inevitavelmente estabelecemos uma relação desta com os modelos formativos e estratégias utilizadas no desenvolvimento desse processo.

Nesse sentido, o conceito de formação se destaca não somente como uma atividade de aprendizagem, mas especialmente como uma ação voltada à construção do próprio sujeito. Entender como uma pessoa se formou é a garantia que temos para identificar, no contexto em que essa formação se deu, os obstáculos que perpassaram esse percurso formativo.

De acordo com Moita (1992, p. 115), nenhum processo formativo se desenvolve no vazio, por conseguinte, “ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos”.

Tomando como referência as colocações da citada autora, entender como acontece o processo formativo é conhecer a história de vida do sujeito, considerando a dinâmica na qual esta se foi construindo, isto é, formando-se e transformando-se em um processo contínuo de interação.

Esses percursos, ainda, de acordo com Moita (1992, p. 137):

São marcados pela grande autonomia pedagógica, pela criatividade das propostas educativas, por uma visão alargada do seu papel de educador, por uma imagem positiva da profissão, por uma implicação intensa na concretização das suas responsabilidades profissionais.

Nos seus relatos, os partícipes enfatizam, de maneira geral, as experiências tanto pessoais quanto pré-profissionais, decorrentes de diferentes momentos de sua história. Nessas narrativas, o realce é dado exatamente no aspecto que diz respeito às escolhas profissionais e às aprendizagens que foram sendo acumuladas ao longo dessa trajetória profissional. Vejamos como eles se manifestam ao fazerem referência a sua escolha profissional.

A minha atividade como docente se iniciou como monitora do mobral. Eu comecei a sentir o desejo de ser professora quando eu comecei a trabalhar no movimento brasileiro de alfabetização de adultos e lá foi quando eu comecei a ter o maior interesse pela profissão docente. [...] comecei a lecionar como professora leiga, eu fui alfabetizadora do Mobral e foi com o Mobral que comecei a gostar de ser docente. Quando eu entrei na universidade eu senti um impacto muito grande porque à medida que eu fui aprendendo a docência superior porque nos não tivemos um curso preparatório que hoje os docentes que estão entrando na universidade ele estão tendo esse curso preparatório que eu fui professora desse curso de preparação. (extraído do diário autobiográfico escrito pela Partícipe Dina).

Assim como todos os jovens de Regeneração-PI que terminavam o Ensino Fundamental e queriam dar continuidade aos estudos e não podiam sair da cidade, restou-me apenas o Curso pedagógico da CENEC, que era o que tinha. Então era a opção ou você pára na 8ª série ou vai fazer o curso pedagógico. O Curso Pedagógico então representava o Ensino Médio e você tinha que fazer [...] fiquei por lá fazendo o pedagógico, pra mim nunca foi uma escolha eu tinha que fazer. [...] o curso pedagógico apesar das falas do corpo docente aliviava-me saber que aquela experiência com o pedagógico era apenas mais uma etapa necessária de minha formação. [...] Na pedagogia, diferentemente de tudo que eu vira no pedagógico obtive uma abertura de horizontes incríveis. As disciplinas de Fundamentos da Educação em especial fascinaram-me pelas teorias críticas que exploravam levando-me a considerar o curso de pedagogia como algo que deveria ser básico a todo e qualquer ser humano que pratica a educação. Convenci-me então de que esta seria a opção de minha formação profissional e a ela me dedicaria em detrimento das minhas aptidões artísticas. [...] essa questão da escolha é muito interessante por que... no meu caso pessoal eu não escolhi ser professor eu permaneci na condição de professor por que eu me convenci da importância do papel do docente de como é mais... por que a vida foi me empurrando pra docência e não poderia ter me empurrado pra lugar melhor. (extraído do diário autobiográfico escrito por Júlio).

Já tinha concluído o curso de Pedagogia e sai em busca de um trabalho deixei meu currículo em tudo quanto foi escola, o Dom Bosco me chamou e eu trabalhei durante dois anos no Dom Bosco, deixei porque eu não estava feliz. Eu estudei fiz um concurso para tribunal de justiça de Timon-MA. Passei no concurso do tribunal de justiça eu era avaliadora. [...] fiquei nesse trabalho durante três meses e descobri que não queria ser avaliadora. Eu disse: menina quer saber de uma coisa eu acho que eu nasci foi pra ser professora eu vou encarar essa realidade. Eu fui ao Colégio cidade falei com o diretor e ele me deu uma vaga com professora do curso pedagógico foi assim...eu me encontrei como professora.(extraído do diário autobiográfico escrito por Santos).

Muitas histórias poderiam ser contadas dos caminhos que me levaram a ser professora do Curso de pedagogia, mas de forma sintética poderia destacar a grande contribuição dos próprios alunos, alguns ex-colegas de turma, que com muito respeito, compromisso e colaboração me receberam como professora e me ajudaram a construir a história da minha vida profissional. Porque foi assim muito peculiar esse período porque como professora do curso de economia e aluna do curso de pedagogia então eu convivi com vários colegas e retornei como professora do curso de Pedagogia e fui professora dos meus ex-colegas. [...] Nessa turma tinha sete ex-colegas e eu acredito que esse processo foi algo de muito importante para o meu desenvolvimento profissional porque eu recebi é...eu fui recebida com muita compreensão com muita responsabilidade e eu acho que isso também contribuiu para que eu investisse muito mais, me preocupasse muito mais, estudasse muito mais, me

dedicasse muito mais pela própria responsabilidade que eu tinha como, já ser aluna ter vivenciado os problemas saber das dificuldades por que o curso passava e eu assumi assim como uma responsabilidade de tentar ajudar e contribuir para que o projeto de formação desse curso pudesse ser melhorado e ampliado. Então esses ex-colegas nessa turma foram sete, me ajudaram e me fizeram realmente construir a minha vida profissional (extraído do diário autobiográfico escrito por Anavi).

Meu processo de inserção no magistério deu-se em 96, quando passei a frequentar o curso de pedagogia na UFPI e não pensava na possibilidade de ser professora, pois tinha terminado o curso superior de Contábeis feito no CESVALE e só pensava em montar um escritório, fazer auditoria e seguir a carreira contábil. Mas pos insistência da minha mãe retornei a UFPI para concluir o curso de pedagogia.[...] vim para a federal sem grandes expectativas e comecei a gostar do curso das teorias, das leis que fundamentavam o ensino e logo fui ser monitora de Estrutura do Ensino. [...] Descobri minha vocação na sala de aula, lá todos os meus sonhos, meus projetos pessoais minha vida foi construída e não estou arrependida de ter feito essa opção entre Contábeis e pedagogia, e com esta descoberta encontrei minha estrada profissional, a docência. (extraído do diário autobiográfico escrito por Lena).

Quando eu comecei eu fiz o curso pedagógico claro eu iniciei o curso pedagógico com 15 anos eu não tinha realmente dizer assim que eu comecei por vocação que eu tinha aquilo. Não, eu fui influenciada mesmo pela minha mãe.[...] em 1981 fiz vestibular para o curso de pedagogia foi uma opção somente minha não fui influenciada por ninguém apesar da pouca experiência e do desafio da profissão não tinha dúvidas de que estava na profissão certa.[...] desde que comecei a ser professora formadora, que o maior desafio é fazer com que o aluno goste de estudar, que ele se sinta motivo para aquilo porque se ele sentir, ele vai buscar. [...] a formação da gente é toda muito marcada por essa coisa de conteúdo, você tem que ter muito conteúdo se não tiver muito conteúdo...tem que dar muita aula muito assunto porque isso é quedar qualidade para o ensino e a gente vê que não é bem assim e a gente esquece das relações que são muito importantes e que são muito significativas. (extraído do diário autobiográfico escrito por Andorinha).

Nesses depoimentos, é possível compreender, de forma clara, as necessidades e apreensões vivenciadas por cada um desses professores, a partir da decisão tomada quanto ao futuro profissional, que se traduziria dali para frente.

Não obstante essa diversidade de depoimentos, é possível perceber que seus objetivos de vida se aproximam: todos se reconhecem como pessoas que enfrentaram inúmeros desafios no decorrer do processo de formação inicial. Lendo suas narrativas, pudemos aprender um pouco mais com a experiência de cada um, sentir suas angústias, seus medos, enfim todos os contornos vivenciados nesse percurso.

A partir da reconstrução da memória de cada indivíduo, torna-se possível descobrir e identificar as relações que estes estabelecem consigo e com o conhecimento.

Isto serviu de parâmetro para que cada um, tanto de forma individual quanto coletivamente, procedesse a uma revisão das práticas docentes que se refletem sobre suas atitudes, no processo de formação e construção do outro.

Nesse sentido, e de acordo com Altricher citado por Fiorentini (2004, p. 249), o processo de escrita do diário, não somente amplia a qualidade da reflexão do professor, mas também garante a possibilidade tanto de analisar quanto de investigar sua própria prática.

Escrever não é apenas comunicar resultados definitivos de uma análise, mas escrever é em si uma forma de análise. É uma continuação do processo de análise sob uma restrição mais severa, porque precisamos dar contorno e forma aos nossos pensamentos interiores [...] escrever significa aprofundar nossa pesquisa e nossa reflexão.

Portanto, é de fundamental importância que o docente tenha esse espaço coletivo para narrar e refletir juntamente com outros docentes sobre o seu processo de construção profissional, considerando ser essa atividade a que irá contribuir para que ele possa rever suas construções teóricas que interferem direta e decisivamente em sua atividade prática.

REFERÊNCIAS

BORGES, Cecília M. F. **O professor da educação básica de 5ª a 8ª séries e seus saberes profissionais**. 2002. Tese (Doutorado) – PUC-RJ, Rio de Janeiro-RJ.

BOZZETTO, Ingrid M. História de Vida: formação e profissão. In: MARTINAZZO, Celso J. **História de vida de professores**. Rio Grande do Sul: Injuí, 2000. p. 119-184.

CATANI, D. B; BUENO, Belmira; SOUSA, C. P. **A vida e o ofício dos professores**. São Paulo: Escrituras, 1998.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CUNHA, Maria I.da. **O professor universitário na transição de paradigmas**. Araraquara: TM, 1998.

FIORENTINI, Dario. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, Marcelo de C.; ARAÚJO, Jussara de L. **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOITA, M. C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores**. Portugal: Porto, 1992. p. 111-140.

RAMALHO, B. L.; NÚÑEZ, I. B.; GAUTHIER, C. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SCHON, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antonio. **Os professores e sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992.

SOUSA, C. P. Percursos de formação nas memórias de docentes universitários: In: **Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo: Unesp, ano 8, n. 11, p. 105-122, jan./jun. 2005.

SOUZA, Elizeu C. Estágio e narrativa de formação: escrita auto (biográfica) e autoformação. In: **Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo: Unesp, ano 8, n. 11, p. 51-74, jan./jun. 2005.